

O criptopórtico-cisterna da Alcáçova de Mértola

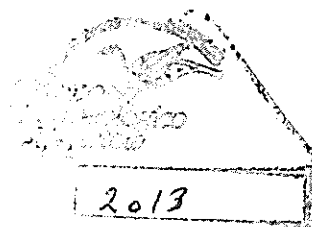
Cláudio Figueiredo Torres
José Carlos Oliveira

Madrid 1987

Comunidad de  Madrid

CONSEJERIA DE CULTURA

DIRECCION GENERAL DE PATRIMONIO CULTURAL



O criptopórtico-cisterna da Alcáçova de Mértola

Cláudio Figueiredo Torres
José Carlos Oliveira

TOPOGRAFIA E ESTRATIGRAFIA

Implantada num esporão rochoso sobranceiro ao Guadiana e apertada a poente pela ribeira de Oeiras, a actual vila de Mértola mantém, nos seus principais alinhamentos urbanos, a topografia básica da antiga *Myrtilis* romana e da fortaleza medieval que, durante vários séculos, foi importante entreposto militar e mercantil do Ocidente Ibérico.

A antiga acrópole político-militar romana e tardo-romana onde se ergueram as instalações da Alcáçova islâmica é hoje ocupada por um castelo cujas obras principais remontam ao primeiro quartel do século XIV (Figs. 1 e 2-2), pela igreja matriz, antiga mesquita almohade (Figs. 1 e 2-3) e por uma vasta plataforma artificial construída possivelmente para exercer as funções de *forum*. Nesta última, posteriormente, vieram a elevar-se construções palatinas tardo-romanas reocupadas em época islâmica (Figs. 1 e 2-1; Fig. 3-G).

Esta plataforma-*forum*, mais tarde utilizada como limite norte de um novo amuralhamento que ainda hoje abraça o aglomerado urbano, era defendida em época romana por uma cortina envolvente (Fig. 3-J) e destacava-se, imponente, com as suas galerias porticadas e basílica.

A poente, para nivelar a acidentada vertente, foram levantadas duas muralhas paralelas com 7 metros de altura e uma espessura de 1 metro cada. O espaço intersticial, de cerca de 2 metros, foi preenchido de terra compactada.

A norte, para suportar maiores pressões numa maior amplitude, o desfecho abrupto é compensado por um criptopórtico de 32 metros de comprimento, com largura e altura médias de, respectivamente, $2,70 \times 5,80$ m. (Fig. 3-H).

Toda a construção é em boa alvenaria com argamassa de muita cal e pedras de xisto da região. As paredes longitudinais elevam-se até um ressalto-cornija, onde girou a cofragem-cimbro de uma abóbada em berço levemente peraltada.

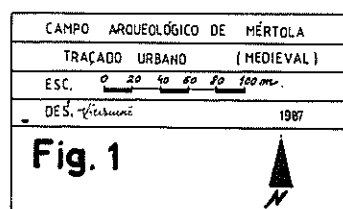
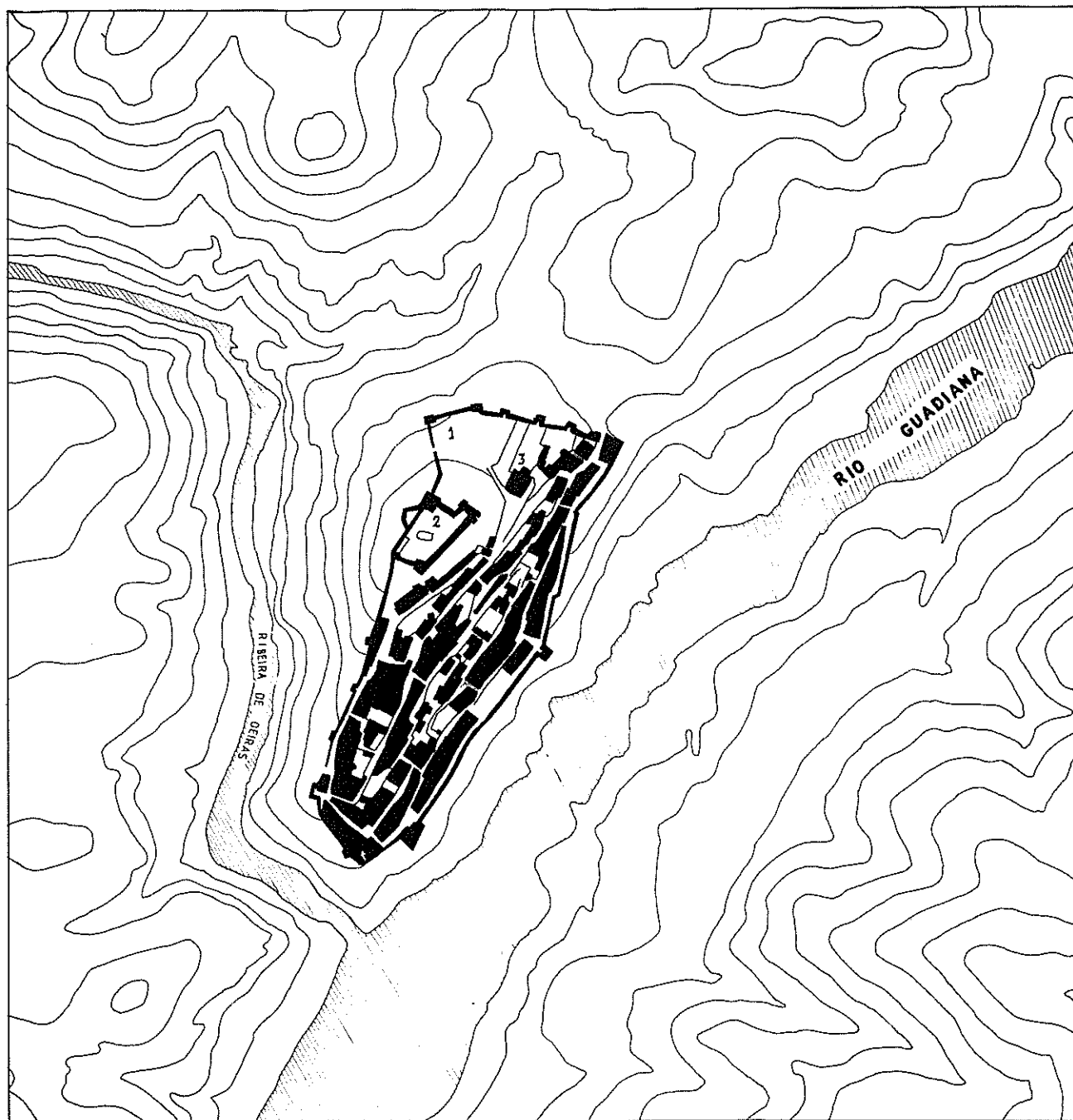
No topo oeste, e perfeitamente integrada, arranca uma escada cujos degraus são monólitos de granito com modulação e marcas de *forceps*, denunciando a sua reutilização. O topo leste é interrompido por um muro de suporte do torreão de uma muralha que, em época posterior, transforma esta zona em limite da cidade.

Duas aberturas-clarabóias, bem marcadas na abóbada, estabelecem a ligação desta galeria com a plataforma superior, onde um pavimento de mosaico se estenderia a todo o comprimento de uma colunata cujos fustes e capitéis ainda são localizáveis. Com base nestes dados arquitectónicos, no vocabulário ornamental do mosaico e nos elementos reutilizados, não será arriscado datar este criptopórtico de finais do século III, princípios do século IV.

Em época posterior, o criptopórtico sofre uma campanha de obras que lhe modifica profundamente as funções. O pavimento e a parte inferior das paredes, até uma altura de 1,50 a 1,70 m., são revestidos por sólida e impermeável argamassa, tipo *opus signinum*, com o evidente objectivo de adaptar o subterrâneo a cisterna. O pavimento foi levemente inclinado em direcção a uma pequena concavidade com funções de limpeza e fecharam-se as quatro frestas que se abriam para o exterior. O revestimento parietal, reparado pelo menos uma vez, recobre também o muro de suporte que fecha o topo leste, sendo, portanto, contemporâneo ou posterior às obras de construção do respectivo torreão. A análise do aparelho construtivo e as conclusões estratigráficas retiradas da escavação da área anexa, permitem atribuir ao tempo dos impérios africanos a construção desta torre e do complexo militar que lhe é afim. Desta forma, é provável que as obras de adaptação a cisterna do velho criptopórtico coincidam com o fenómeno geral de militarização da Alcáçova, sensível nas habitações junto da muralha norte, que deve ter começado em princípios do século XII e terminado, de forma irreparável, com a conquista cristã de 1238. Pouco depois, em finais do século XIII, começam os primeiros enterramentos cristãos no meio das ruínas das recém abandonadas construções. Abandono que, no entanto, poderá não ter sido repentino durante as convulsões que antecederam as mudanças de poder. Depois de uma vigorosa e florescente comunidade urbana de época almohade —comprovada pelo enorme e rico espólio o cerâmico dessa época e pela própria construção da mesquita vizinha— notam-se umas últimas e mais pobres habitações, progressivamente abandonadas pelos seus moradores, impossibilitados de continuar a viver paredes meias com os freires de Santiago acabados de instalar nesta fortaleza, guindada a sede nacional da Ordem.

E, portanto, neste contexto que temos de analisar a estratigrafia dos escombros acumulados neste enorme subterrâneo.

No início da escavação o entulhamento tocava a abóbada na quadrícula G (Fig. 4-cor-



te C-C') e tinha sido violado até ao pavimento nas quadriculas D e A.

Apenas levantada uma capa superficial (nível S) sucedem-se várias camadas mostrando nitidamente que o entulhamento se processou através das dadas clarabóias. Excluindo os níveis 2b e 2c, em todos os outros, de uma forma mais ou menos intensa, e sempre em mis-

tura com elementos arquitectónicos, encontramos indiferenciadamente o mesmo tipo de espólio.

São milhares os fragmentos cerâmicos que permitiram a reconstituição de centenas de peças, numa balizagem cronológica que se estende desde o califato até à época almohade (século IX, primeiro quartel do século XIII).

Pode constatar-se uma certa estratigrafia invertida ao notar-se, nas camadas mais superficiais —1b e 1c— uma maior dominante de cerâmicas califais. Contudo, dada a grande variedade e quantidade do espólio almojado que encontramos em todos os níveis, consideramos que este entulhamento deve ter sido relativamente rápido a partir do momento em que na plataforma superior se começaram a abrir as primeiras sepulturas cristãs.

No estrato 2a, apesar da muita cerâmica, nota-se uma predominância de vestígios arquitectónicos. Porém, é na camada 2b que a cerâmica rareia, dando lugar a muita argamassa, elementos soltos de alvenaria, tijolo e telha. É neste contexto que se encontraram vários corpos humanos cuja história e trágico epílogo devem estar ligados aos acontecimentos político-militares que, em meados do século XIII, modificaram de forma definitiva as coordenadas civilizacionais desta região.

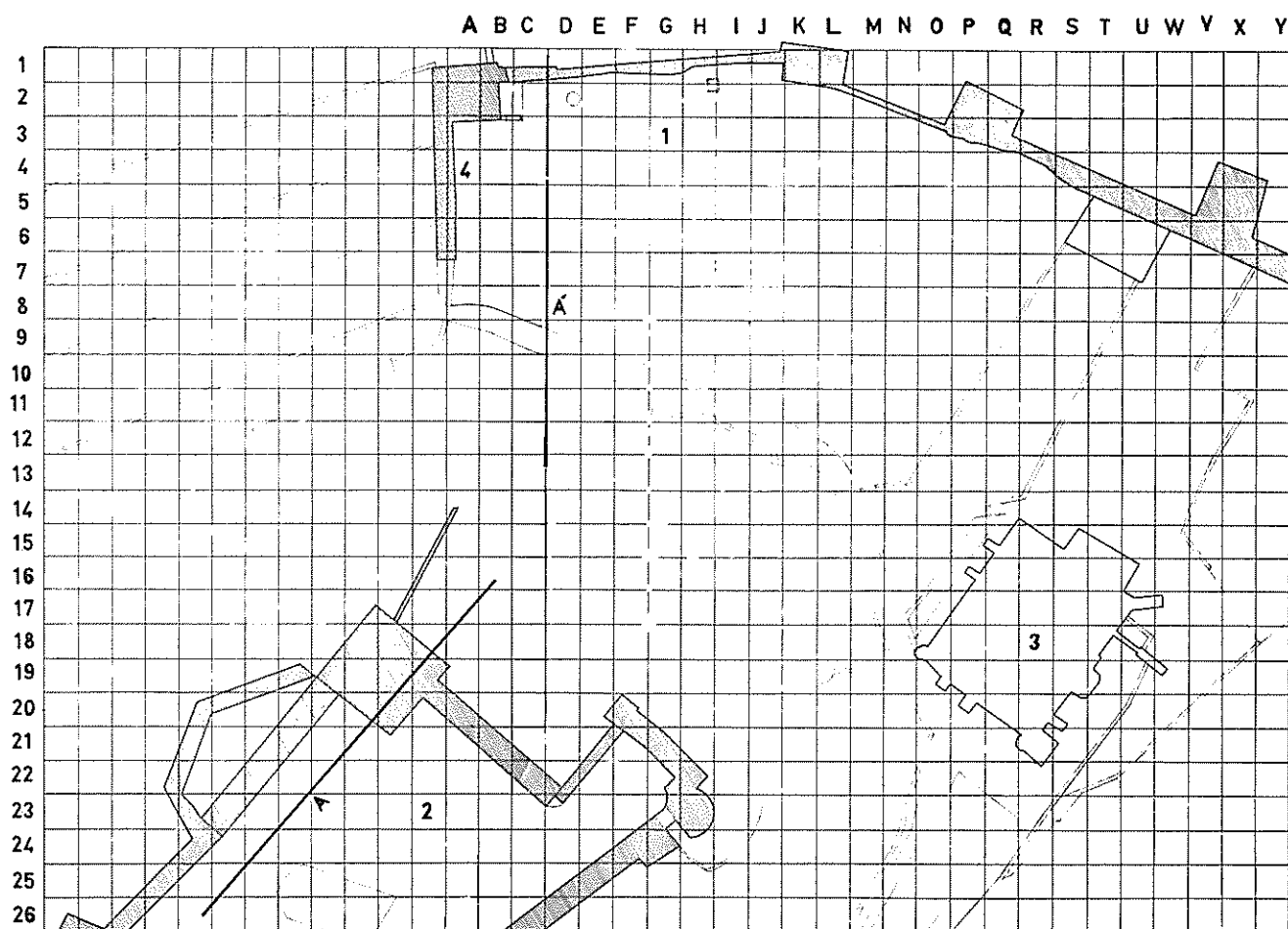
ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA

As principais questões levantada pelos esqueletos humanos encontrados no criptopórtico da Alcáçova de Mértola prendem-se com a explicação da sua presença nesse local. Interrogações tais como, se para aí teriam sido lançados ainda em vida ou já depois de mortos talvez não sejam passíveis de serem arqueologicamente explicadas de uma forma absoluta. No entanto, a conjugação de dados arqueológicos e antropológicos permite avançar com uma primeira hipótese explicativa àcerca da história desses indivíduos.

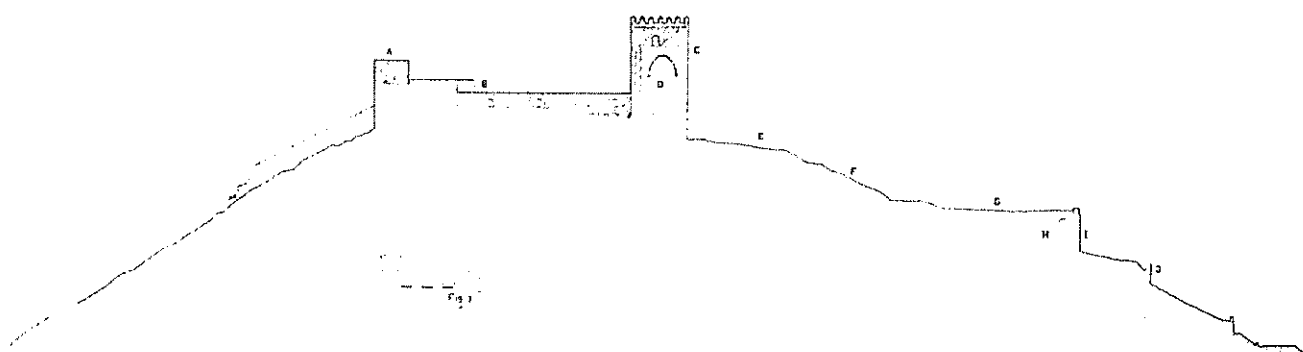
Considerando que não se verificava em nenhum dos casos em estudo qualquer tipo de inumação, optou-se metodologicamente por uma codificação dos esqueletos encontrados com a designação de *corpo*, seguida de um número sequencial. Os indivíduos que se apresentavam agrupados foram codificados com o mesmo número seguido de uma letra, significando estarem relacionados.

Prosseguindo na metodologia já anteriormente aplicada na escavação da necrópole da Alcáçova (localizada sobre a galeria) efectuou-se: Desenho de todo o material esquelético; cobertura fotográfica, incluindo, para aspectos anatómicos e patológicos com interesse, fotografia de pormenor e macro; primeiro registo antropológico *in situ*.

Dos 18 corpos inicialmente assinalados só 15 foram passíveis de análise: com efeito, os corpos 4 e 5 (Fig. 6) foram quase totalmente destruídos por uma antiga violação e do corpo 10-A apenas se encontraram alguns ossos longos.



CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
 ÁREA DA ALEAÇÃO (PLANTA)
 ESC. 1:1000
 DES. J. G. M.
 1987
Fig. 2

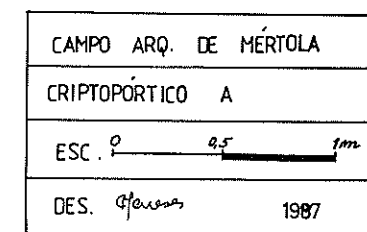
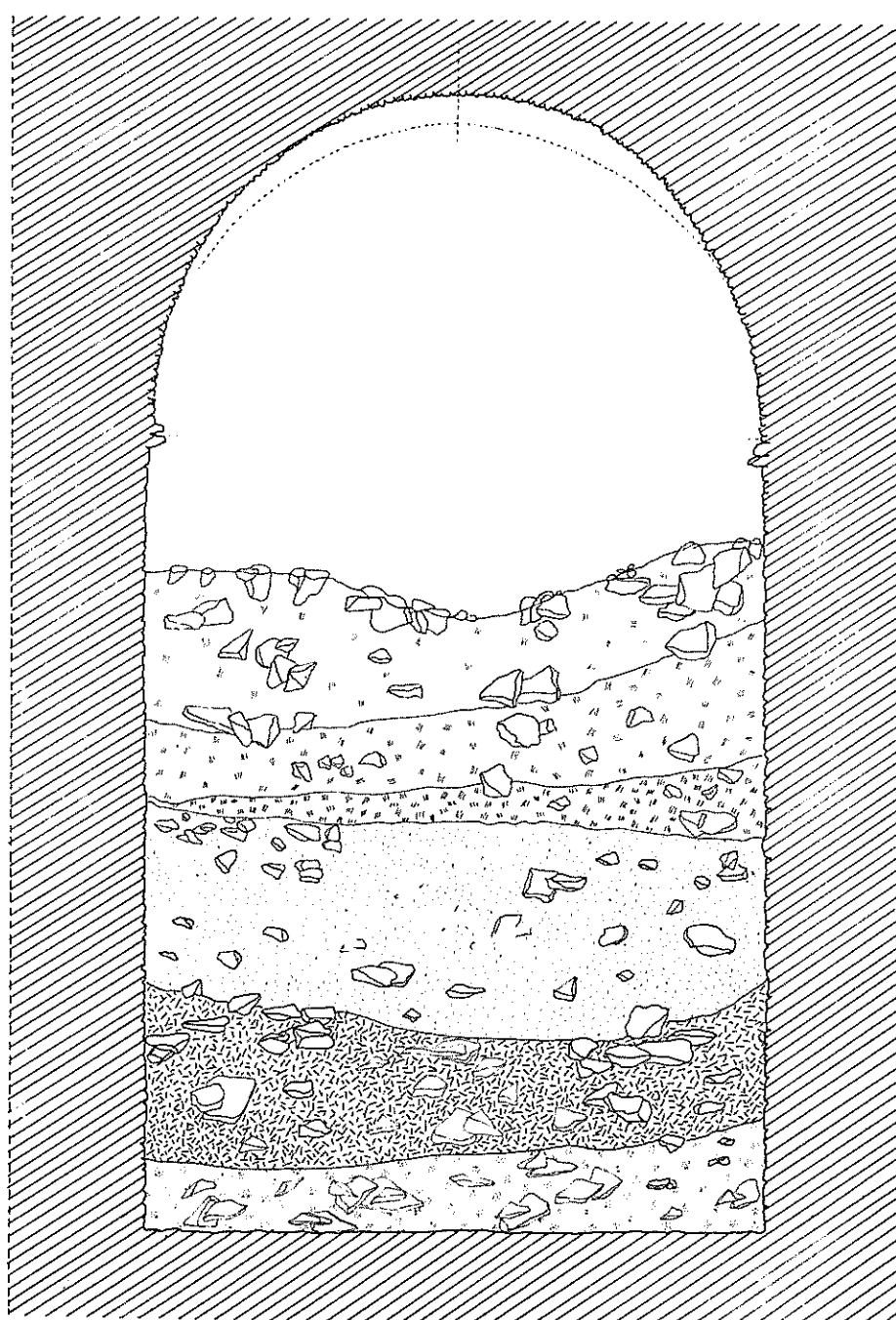
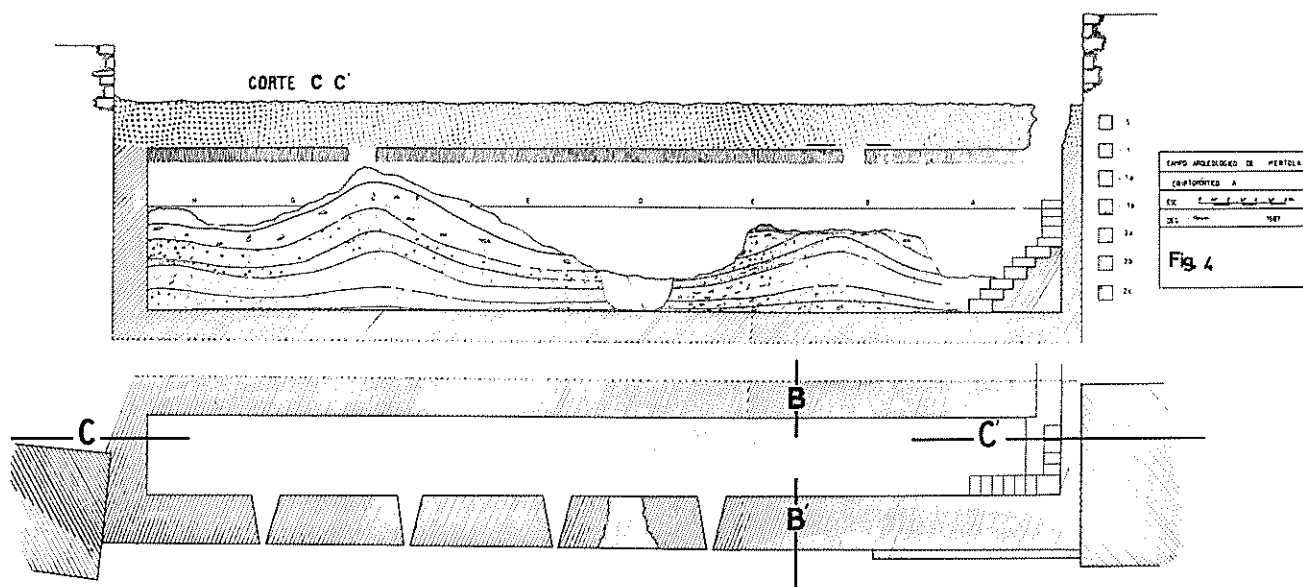


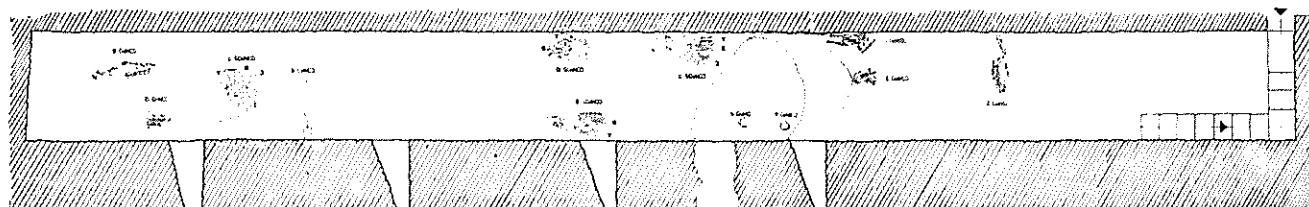
Nos 15 casos em estudo a maior parte apresenta ligeiras deslocações de ossos provocadas por interferência animal, o que está de acordo com a grande quantidade de vestígios de microfauna encontrada.

Os esqueletos pertencem todos a indivíduos de sexo masculino, com excepção do corpo 10-B (Fig. 7), que é do sexo feminino, e têm idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos, um elevado índice de robustez óssea e inserções musculares bem acentuadas.

A sua estatura média situa-se entre os 1,72-1,75 m., sendo a estatura do esqueleto feminino de 1,59 m.

As posições dos corpos distribuem-se do seguinte modo: Decúbito dorsal, 8 corpos; decúbito lateral, 6 corpos; decúbito ventral, 1 corpo. Alguns deles apresentam sobreposições (fig. 7; corpos 9, 11), que nos induzem a pensar terem sido lançados para o interior do criptopórtico provavelmente já depois de mortos.





CAMPO ARQ. DE HÉRCULA
ORIENTADO A
ESC. 1:1
DES. L. BORGES E E. A. VAS
FEV. 88

CORPOS

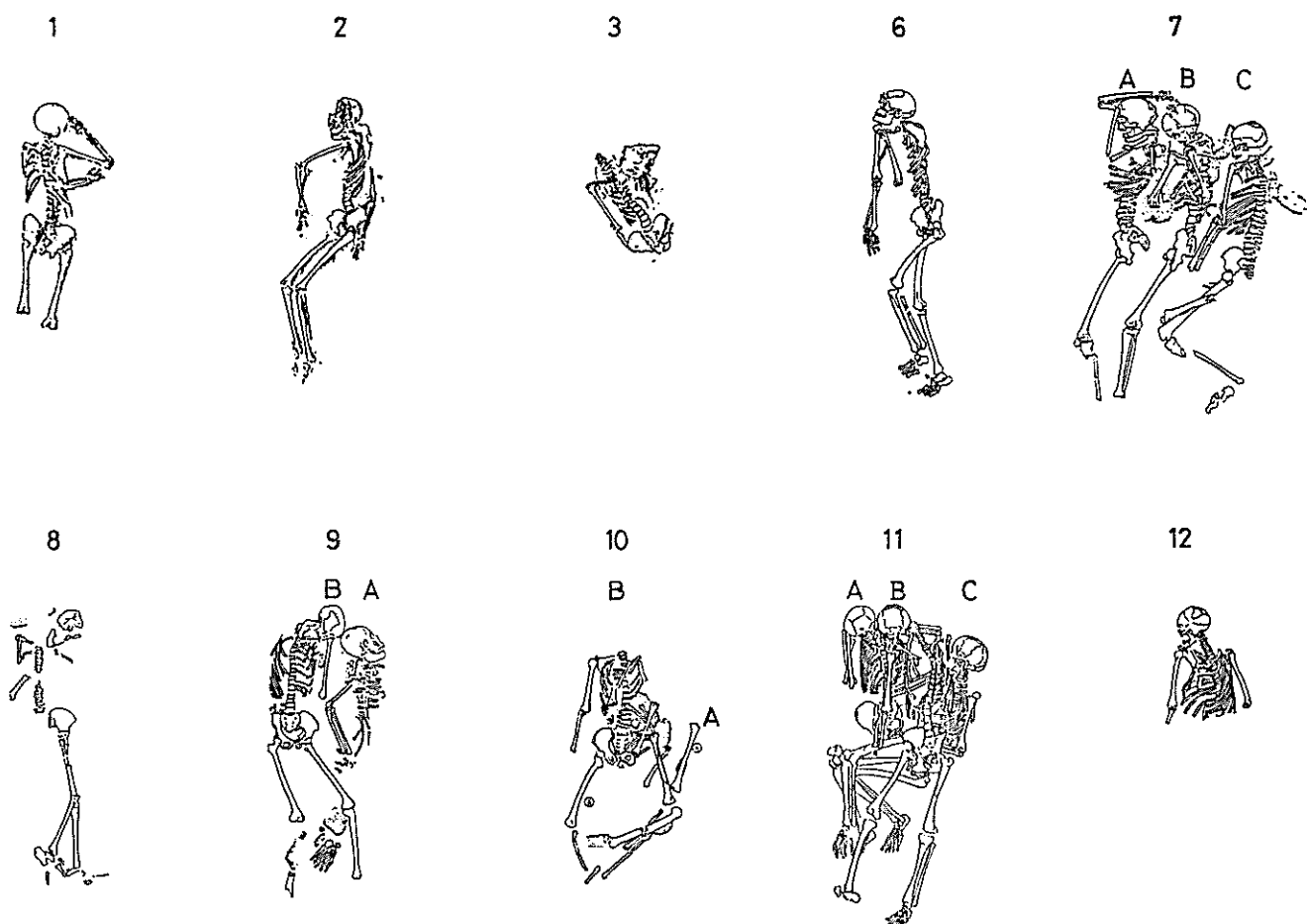


FIG. 7

No campo da Patologia, foi possível diagnosticar três casos com interesse para o lançamento de algumas hipóteses sobre o seu modo de vida:

O corpo 7-C (Fig. 11) apresenta uma secção linear na porção temporo-occipital esquerda do seu crânio. Junto a ele encontraram-se os fragmentos ósseos resultantes dessa lesão traumática. Não é provável que haja sobrevivido ao golpe que produziu esta lesão.

O corpo 11-A mostra uma fractura perfeitamente consolidada do terço médio do seu fémur esquerdo e uma lesão traumática cicatrizada no parietal esquerdo.

O corpo 11-B tem indícios de uma lesão traumática sinostosada, também no parietal esquerdo.

Considerados em conjunto, estes indivíduos, dada a sua robustez e elevada estatura, diferenciam-se morfologicamente da po-

pulação inumada na necrópole da Alcáçova, muito menos robusta e com uma estatura média masculina de 1,64 m.

As patologias ósseas de origem traumática observadas em alguns dos casos estudados, bem como o facto de algumas delas serem antigas e cicatrizadas, fazem supôr que se dedicariam, com forte probabilidade, a actividades bélicas.

A observação das posições anatómicas dos esqueletos *in situ* leva-nos a concluir que a maior parte teria sido atirada para o interior do criptopórtico já sem vida, não sendo, no entanto, de excluir a hipótese de que alguns para aí tenham sido lançados vivos.

CONCLUSÕES

Não são nem podem ser definitivas as conclusões arqueo-antropológicas para este sítio ou para toda a vila de Mértola, onde equipas interdisciplinares têm levantado desde há seis anos mais de 250 sepulturas de cronologia paleo-cristã, islâmica e tardo-medieval. Contudo, dado o contexto fechado deste conjunto osteológico, achamos importante dar a conhecer as primeiras constatações a que pudemos chegar, antes de relacionarmos a totalidade da informação recolhida:

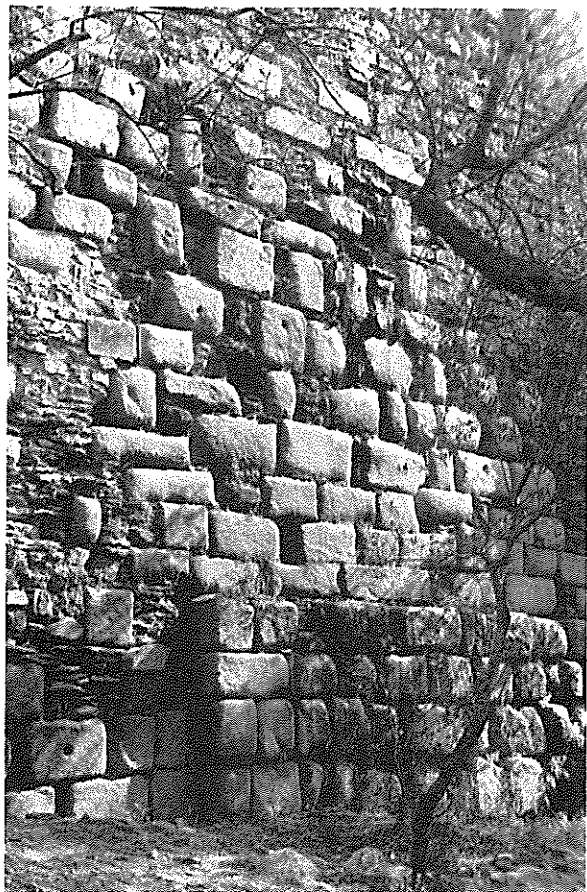
Os primeiros entulhamentos do criptopórtico começam pouco depois do seu abandono como cisterna, que coincide certamente com o despovoamento da área por altura da conquista cristã.

Os corpos localizam-se todos na primeira camada de entulhamento (nível 2b), sobre os lodos e lamas do fundo (nível 2c).

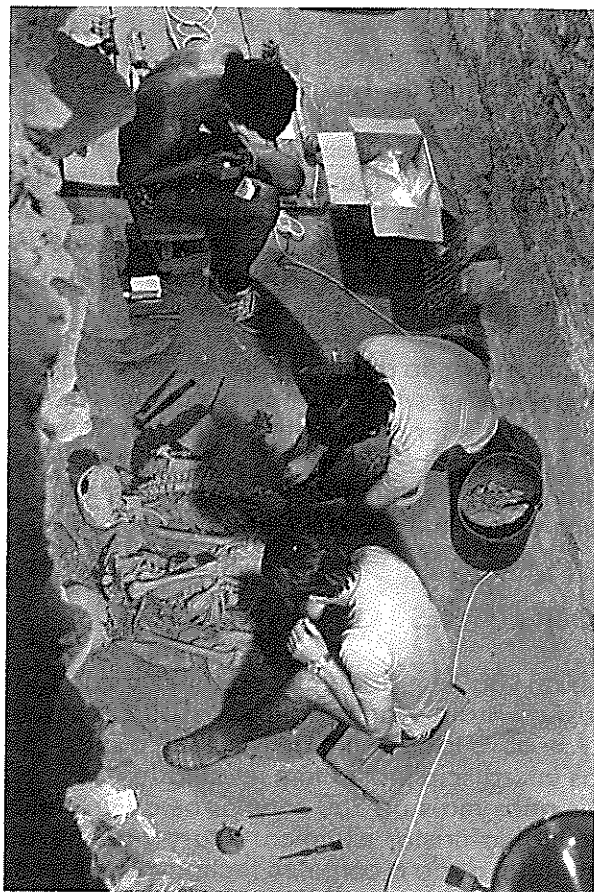
Todos os corpos possuem uma estrutura óssea diferente das dezenas de outros que começaram a ser inumados em finais do século XIII na necrópole existente na mesma área, e apresentam, como dissemos, características que permitem relacionar o seu modo de vida com actividades guerreiras.

Por tudo o que ficou apontado, não será descabido relacionar este achado macabro com algum episódio de violência ligado à conquista desta cidade-fortaleza por cavaleiros da Ordem de Santiago.

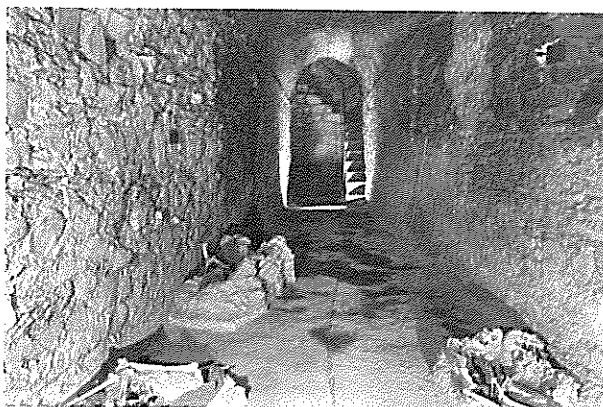
Fevereiro 1987



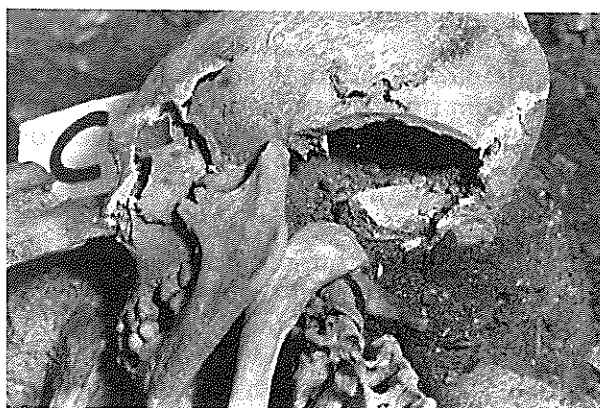
Parede exterior do criptopórtico A.



Aspecto das excavações.



Interior do criptopórtico A.



Lesão craneana do corpo 7-C.

BIBLIOGRAFIA

- BUIKSTRA, Jane E.: *Mortuary practices, palaeodemography and palaeopathology: a case study from the Koster site (Illinois)*, «The archaeology of death», Cambridge University Press, 1981.
- MENDES, J.; CARIA; OLIVEIRA, José Carlos: *A Arqueologia, a Antropologia e a Paleoantropologia, ciências interdisciplinares - a propósito dos achados de Mértola*, «Actas do 1.º Encontro de Arqueologia da Região de Beja. Janeiro, 1986» (no prelo).

- OLIVEIRA, José Carlos: *A Antropologia Física aplicada à Arqueologia - a experiência do Campo Arqueológico de Mértola*, «Actas do 1.º Encontro de Arqueologia da Região de Beja. Janeiro, 1986» (no prelo).
- ORTNER, D. J.; WALTER, G.; PUTSCHAR, J.: *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*, Smithsonian Institution Press, Washington, 1985.
- REVERTE, José M.: *Antropologia Médica, I*, Editorial Rueda, Madrid, 1981.
- TORRES, Cláudio: *A Alcáçova de Mértola*, «Arqueologia», 6, GEAP, Porto, 1982.